

Anexo 10

Anais da Câmara

Padrões	POSTOS OU GRADUAÇÕES	Valôres
FA-20	Cadete, Aspirante (M), Aluno do ITA (A), Soldado Clarim de 3.ª Classe (E).....	4 000,00
FA-21	Aluno de Escola ou Curso de Formação de Sargento, Grumete; Soldado Fuzileiro Naval, Soldado do 2.ª Classe mobilizado com menos de 1 ano de serviço(A)	2 800,00
FA-22	Aluno de Escola Preparatória de Cadetes, Aluno do Colégio Naval, Soldado recruta ou mobilizado não engajado (E) (M), Soldado de 2.ª Classe não mobilizado (A)	1 550,00
FA-23	Aprendiz-Marinheiro.....	1 250,00

Benjamin Farah — Era o que tinha a dizer. (Muito bem).

O SR. WILSON CHEDID (*Para uma comunicação*) * — Sr. Presidente, solicitei a palavra apenas para encaminhar à Mesa projeto que dispõe sobre a criação de Escolas de Iniciação Agrícola nos municípios de Mangueirinha e Cambará, no Estado do Paraná.

Muito obrigado ao orador. (*Muito bem*).

O SR. JOSÉ MENCK (*Para uma comunicação*) * — Sr. Presidente, volto à tribuna para solicitar do Sr. Presidente da República, em nome do povo de Osasco, o atendimento a uma das mais justas aspirações daquele município, qual seja a instalação, ali, de um aparelho arrecadador.

Solicito a S. Exa., em nome dos 100 mil habitantes de Osasco, que envie a esta Casa Mensagem criando uma Coletoria Federal naquele próspero município.

Muito obrigado ao nobre orador. (*Muito bem*).

O SR. FERNANDO GAMA (*Para uma comunicação*) * — Sr. Presidente, solicitei a palavra para apresentar projeto que concede financiamento em prioridade para os municípios em estado de emergência, mediante garantia de suas

provisões de receita, e dá outras providências.

Agradecido ao orador. (*Muito bem*).

O SR. ADAO PEREIRA NUNES (*Para uma comunicação*) * — Senhor Presidente, agradeço a cortesia de Abel em homenagem a Adão (riso). Tomo um minuto do nobre Deputado Rafael para daqui enviar uma saudação ao ilustre Dr. Caruso, pela assistência que deu aos homens sem terra do Estado do Rio de Janeiro. Milhares de camponeses marcharam para as terras devolutas do Estado, exigindo que este desse o exemplo da Reforma Agrária; já que o Estado quer dividir a propriedade alheia, que divida primeiro a própria propriedade. Esses camponeses, como outros das florestas e matas do Imbé, receberam ajuda do Dr. João Caruso e, em nome deles, que hoje têm uma esperança e uma perspectiva em sua vida, quero agradecer ao dirigente da Superintendência da Reforma Agrária. (*Muito bem*).

O SR. WILSON RORIZ (*Para uma comunicação*) * — Sr. Presidente, aproveito a oportunidade que me é concedida pelo nobre

* Não foi revisto pelo orador.

* Não foi revisto pelo orador.

Deputado Abel Rafael para formular um apelo ao Sr. Ministro da Educação, uma vez que estamos celebrando a Semana da Educação, no sentido de que não seja fechado, em Fortaleza, Capital do Ceará, o Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina. Segundo notícias do meu Estado, aquele Hospital está ameaçado de ser fechado por falta de distribuição das verbas daquele Ministério. Para que se tenha uma idéia do montante a que atinge o Plano de Economia do Governo, em relação àquela cidade, basta que se saiba, segundo informações por mim colhidas, que de um vilão e 300 milhões de cruzeiros para ali serem aplicados, inclusive no hospital, a redução chegou a 280 milhões de cruzeiros. V. Exa. vê que nós podemos afinal comemorar a semana da educação, mas não fechando hospitais que pertencem à Faculdade de Medicina. (*Muito bem*).

O SR. TUFI NASSIF (*Para uma comunicação*) * — Encaminho à Mesa projeto com a seguinte ementa: Acrescente inciso no artigo 49, no sentido de que, sejam considerados em efetivo exercício, quando em licença para tratamento de saúde, desde que o respectivo afastamento não exceda o prazo de dois anos em cada duas décadas. (*Muito bem*).

O SR. ABEL RAFAEL * — Senhor Presidente e Srs. Deputados, hoje se celebra nesta Casa a Semana Nacional de Educação. A minha contribuição maior a essa semana aqui, em Brasília, foi promover o inquérito parlamentar sobre o ensino em Brasília, porque esse inquérito é que vai demonstrar de fato as acusações que há muito tempo, tenho feito desta tribuna, são verdadeiros ou não. A Casa e Brasília poderão ver que tipo de ensino está sendo ministrado aos nossos filhos.

Srs. Deputados, tenho aqui falado sempre sobre o ensino médio,

* Não foi revisto pelo orador.

hoje quero falar sobre o ensino superior em Brasília. Mas para falar sobre ele vou voltar-me para o ensino primário, porque a campanha de alfabetização da Federação dos Estudantes de Brasília está pretendendo lançar esta cartilha com o nome de Primeiro Livro do Povo, para alfabetização de nossos adolescentes e adultos.

Já dizia o Padre Leonel Franca que é mais perigoso agitar idéias do que mobilizar exércitos.

Essa é uma verdade psicológica antiquíssima, e já Lenine condensava esse princípio psicológico na sua propaganda e de tal forma que, até hoje, seus princípios são seguidos.

O que impera no ensino em Brasília é verdadeiramente uma nova educação nos princípios marxistas.

O Sr. Britto Velho — Vossa Excelência permite um aparte?

O SR. ABEL RAFAEL — Darei o aparte mais tarde. Peço a Vossa Excelência que espere um pouco.

Há, verdadeiramente, a preocupação de se modificar o espírito dos nossos jovens. Há uma revolução em curso; uma revolução de idéias, pois nós, espiritualistas, vivemos pregando que o comunismo só vence porque o estômago está vazio.

O Sr. Floriano Rubim — Vossa Excelência permite um aparte?

O SR. ABEL RAFAEL — Vossa Excelência terá a paciência de esperar. Darei o aparte mais tarde.

Ficamos preocupados com a infra-estrutura econômica. Fazemos toda a propaganda contra o comunismo, baseando-nos no desenvolvimento econômico, acusando o subdesenvolvimento, enquanto que os comunistas — que não acreditam no espírito, como nós acreditamos — não apelam para as forças econômicas, embora falem muito em economia, em infra-estrutura econômica e em subdesenvolvimento. Mas eles procuram influenciar os espíritos, porque sa-

bem que a agitação das idéias é que fará a revolução no Brasil.

O Sr. Stélio Maroja — Vossa Excelência permite um aparte?

O SR. ABEL RAFAEL — Darei o aparte mais tarde. Peço a fineza de esperar que eu exponha os rumos do meu discurso.

O ensino superior, em Brasília, está eivado de comunismo. Vou provar mais tarde, e a Comissão Parlamentar de Inquérito terá oportunidade de verificar isso. Noventa por cento dos professores das universidades são comunistas e pregam comunismo, materialismo, marxismo nas suas aulas. Muita gente se preocupa, e vejo uns colegas rirem por causa dessa preocupação com os comunistas. Meus caros colegas, estão acendendo uma fogueira embaixo de nós. Quem não sente calor é porque não quer. Mas se não sentir calor agora, acabará queimando-se. Aquêles que estão na frente serão os primeiros a se queimarem, a exemplo da Revolução Francesa, da Revolução Russa quando os principais líderes foram sacrificados. Kruchtchev também será executado pelos seus próprios partidários. De modo que ninguém se regozije porque todos serão sacrificados. Irei na frente, mas os outros me acompanharão.

Meus caros colegas, a preocupação é modificar o espírito da mocidade. Ora, o que tem a Universidade de Ensino Superior com o ensino primário? No entanto, chefe de um dos setores estudantes da Universidade, com verba da Universidade, faz o primeiro livro do povo para a campanha de alfabetização. Por que teve preocupação de fazê-lo sozinho? Um elemento foi a Anápolis e outros elementos buscaram numa reunião o Sr. Darcy Ribeiro, ex-Ministro da Educação e Reitor da Universidade, que mandou recolher as cartilhas, mas não as destruiu. Guardou-as. Elas serão distribuídas aos escolares na primeira oportunidade, se não oferecermos reação. Mas é muito in-

teressante que V. Exas. conheçam essa cartilha. Quando aprendemos a ler, eram histórias de Joãozinho, de Maria, da Lili, do papai, da mamãe, da escola de Deus, da Pátria brasileira, das virtudes cívicas e morais. Aqui não; aqui é voto, eleitor, capitalismo, socialismo, sindicato, trabalho, miséria, rico e pobre. Não se fala em pátria, em Deus, em virtudes. Então, forma-se no adolescente, no adulto que aprende a ler o espírito revolucionário, de luta de classe, de rebelião, de revolta contra quem tem alguma coisa. E aqui, pelo menos, são sinceros, porque não apelam para a *Mater et Magistra*, nem para a *Pacem in Terris*. Fala-se aqui muito em nome do diabo, mas não citam o diabo. (Riso). Quem fez a cartilha não tem competência, pois ela contém erros de português dos mais crassos: "Colaborou na elaboração deste livro os seguintes colegas..." Não é sujeito composto, não é sujeito no plural? O verbo está no singular.

O Sr. Magalhães Melo — Permite V. Exa. um aparte?

O SR. ABEL RAFAEL — Só poderei dar aparte depois que tiver explicado toda a cartilha. Mas ouvirei V. Exa. com todo prazer.

A cartilha, em Pernambuco, que vi nas mãos de V. Exa. é pinto perto desta. Esta daqui é uma cartilha que tem figuras. Nunca vi cartilha com fotografias. Está aqui uma casa de pobres na Cidade Livre de Brasília, os barracos da miséria. Depois, quatro crianças brincando perto do lixo, perto dos barracos dos pobres. Aqui são crianças com livros na mão, geralmente gente de côr para fazer a discriminação. Aquel uma menina lourinha, bonitinha, semi-vestida num monte de lixo para significar miséria. Aqui um retrato de casas de gente rica, onde moram os Deputados e os Ministros. Vossas Excelências vão ver aqui a explicação. Diz aqui que essa cartilha foi feita em três dias. Logo se vê; tão

má obra só podia ser feita depressa mesmo. Agora diz que é necessário porque quando se organizam os primeiros núcleos de alfabetização, etc. De forma que isso aqui se pretende distribuir a todo o mundo. Mas começa com *a, e, i, o, u.*, o boi e a bola.

Na segunda lição fala em povo. "O povo mora na cidade. A cidade é do povo". É uma cartilha de politização, não de alfabetização. A lição 3.ª fala em urna, em voto. "O povo vota". Na lição 4.ª diz: "O povo tem panela". Vai crescendo. Na lição 6.ª repete outra vez "povo". Parece que há esse vocábulo "povo" não se repetem os outros. Esse vocábulo que se repete tem duas vogais iguais, de forma que a técnica não recomenda. Na lição 8.ª: "O voto dá vida". Na lição 9.ª: "O povo vê o povo votar". Não tem mais esses nomes de Joãozinho, Maria, Lili. É o povo, essa entidade mística, em nome da qual se fazem tantos absurdos. Na lição 11.ª, outra vez "povo". Depois "Deputado", depois "um voto", depois "dois votos". Quando chega na lição 12.ª diz: "barraco". E uma porção de desenhos de barracos de pobres "O meu barraco é em Brasília. O rato rói a roupa e o barraco. O rato mora no barraco".

V. Exas. vêm como subjetivamente se implanta na cabeça da criança a idéia da miséria.

"Na casa do Deputado não tem rato". V. Exas. vão ver aqui na frente, na lição seguinte: "O povo vai à escola. A escola é do povo". Depois, na Lição 16.ª: "O rato morava na casa do Benedito". (Riso). Tudo firma a idéia de miséria que o pobre passa na desgraça. Não riam não porque aqui há o retrato do Deputado, do Ministro, que não foi eu quem fiz, Estou vendo vários ex-Ministros rindo muito.

"Depois vem a favela. Brasília tem muitas favelas. Benedito mora numa favela. Sua casa é de tábuas, é um barraco. Os ricos mo-

ram em casas bonitas. Mas a casa do Benedito não é feia. Só é pobre. Os ricos moram em casas ricas em que os pobres não podem morar". Começou a discriminação. Vão ver como se discrimina.

A seguir:

"Os Deputados. Os Deputados são políticos".

Olhem o retrato do Deputado, de colête, mão no bolso, deve ser nordesta porque tem cabeça chata. (Riso). Barrigudo, como convém a um homem rico.

"Os Deputados são políticos, moram em casas ricas". Olhem a antinomia. "Os Deputados tem muitas roupas. A roupa dos pobres é simples". Começou. Depois a Lição 20.ª — "O operário em Brasília é candango. A vida dos candangos é dura. Os candangos moram em barracos. Dura é a luta pela vida. Mas agora será mais fácil porque o candango já pode ir à escola. Os operários devem lutar pela legalidade. Os operários devem votar nos Deputados do povo". A cartilha é de politização, não de alfabetização. "A Quadra do IAPC: Ada mora num barraco de dois quartos. É um barraco mal acabado.

Não pode ter um barraco bom.

Ada lavou seu bebê, ontem, lavou o bebê com sabão.

O meu barraco está no meio da quadra.

Sou casada com Vitalino.

Meu barraco não tem água, nem esgoto".

Olhem a discriminação. E o português também "não tem"... Mais adiante V. Exas. vão ver a má aplicação do verbo "ter" quando devia ser o verbo "haver". Até o português é martirizado, não só os ricos e os Deputados.

"As casas do Gama, Eu moro no Gama e no campo

Eu e toda a familia
A casa é de tijolo e madeira
O povo do Gama mora em barracos

Os barracos não são de tijolos.
O Governo não é dono das casas".

Isto porque estão trabalhando para a estatização de tudo. Mais adiante V. Exas. vão ver que se diz que o Deputado paga barato o aluguel porque a casa é do Governo.

"O povo do Gama não recebe ajuda do Governo.

Ada foi ao Gama ver Vitalino".

O "Ada foi ver Vitalino" é para diferenciar.

"O Trabalho

Na vila não tem pão.
Vejam o português.

"O trabalhador ganha o pão de cada dia.

Vitalino trabalha na oficina.

O trabalho na vila é vida

Eu trabalho para ter uma casa

Ada levou o pão para Vitalino na Vila.

Ada come e vive do seu trabalho.

Lá em casa todos trabalham.

O patrão vive do trabalho alheio.

O operário trabalha e o patrão passa a vida.

Ele trabalha muito pouco para viver."

É o envenenamento, é a luta de classes. É preciso jogar o pobre contra o rico, senão os demagogos não levam o povo para a rua para vir fechar este Congresso.

Então temos aqui: "Dinheiro". Que tem o pobre do analfabeto, da criança de estar preocupado tanto com dinheiro? Aqui os cifrões se juntam. "Dinheiro. O operário ganha pouco dinheiro. Ele trabalha o dia todo. Trabalha na oficina da cidade. Recebe um pequeno salário. Ele se une aos colegas para lutar por um bom salário. O patrão tem muito dinheiro. Na política ele controla o Governo".

Olha a politização; eles, os patrões, é que controlam o governo; o Governo não é do povo. Muito bem. Agora é o Senador. Olhem o retrato do Senador barrigudo, de colête. Olhem o dinheiro saindo do bolso do Senador. (Riso). Quem será este Senador? Um colega da bossa nova da UDN diz que é o Senador Santiago Dantas. Não parece ser. Por causa da barriga e do dinheiro? É discriminação também.

"O Senador mora na Quadra do IPASE".

Não é Santiago Dantas porque ele vive na Cidade de São Paulo. Será o Sr. Lino de Matos?

"Fica muito pouco em Brasília. O Senador é um capitalista que não se interessa pelo povo. O Senador não vê o povo. Na tribuna do Senado nunca fala. O patrão é seu amigo. É candidato do patrão... O Senador luta contra o povo, é amigo do patrão".

Isto é uma cartilha, gente!

Srs. Deputados, isto é cartilha para ensinar crianças a ler e foi paga com dinheiro da Universidade dirigida pelo Sr. Darci Ribeiro e subdiregida por um frade dominicano. Põem sempre um padre no meio para atrapalhar. Põem sempre um padre. Então, dizem; como pode ser comunista? Tem um padre lá, dirigindo. Então isso atrapalha muita gente porque o raciocínio fica confuso. Quem não sente que isto aqui é uma inversão completa da sociedade, do âmago do problema? Então todo mundo pode ser pobre. A Rússia está com um regime, lá, há 50 anos e a miséria continua.

Mas não conseguiram acabar com a miséria de ninguém, e ninguém acaba com a miséria, porque Deus nos fez diferentes: uns têm ambição, outros não têm. Conheço homens que nasceram ricos e estão miseráveis, pedindo esmolas, porque não tiveram a ambição de guardar o que receberam de herança. Outros nasceram pobres, tra-

balharam e ficaram ricos, porque tiveram ambição, capacidade.

Mas aí o Senador. Vejam Vossas Excelências como é o Senador. Não se cham V. Exas., porque há também um pedacinho para o Deputado. Chegaremos lá.

O grileiro. Que tem o indivíduo que se está alfabetizando com o grileiro? "A terra é de quem trabalha", diz-se nesta lição. Então, é preciso frisar aquele velho princípio marxista: "A terra é de quem trabalha". É necessário inculcar que o direito de propriedade é um roubo, como está em Prudhon e em outros teorizadores comunistas. É o princípio subjetivo que se vai plantando na cabeça da criança, do adolescente, do adulto não alfabetizado.

Existe, aqui, capítulo sobre "O Gato e o Globo"; é inocente, não tem nada de mais.

Mas nesta página há um Ministro. Que Ministro será esse? Também barrigudo. Fazem idéia do homem importante só barrigudo, de colête. O dinheiro, os cifrões como saem do bolso dele? A figura que a pobre criança vai fazer do Deputado, do Senador, do Ministro é a do homem abastado, não ligando nada para a miséria dos seus compatriotas.

O Sr. Britto Velho — Dá licença para um aparte?

O SR. ABEL RAFAEL — Pois não.

O Sr. Britto Velho — O Ministro é do Tribunal, note bem, não é do Executivo.

O SR. ABEL RAFAEL — Esse Ministro é do Tribunal.

"O Ministro mora numa casa bonita. A casa do Ministro é do Governo. Ele paga muito barato o aluguel". A discriminação outra vez. "O operário paga porque a casa não é do Governo". Então, é preciso estatizar. E, quando se estatiza, fica só dos pelégs. É uma desgraça!

"O Ministro tem um carro. Ele vai de carro para a cidade. Ele tem um filho Deputado".

É uma oligarquia, não é?

"O Ministro é do Tribunal. O Tribunal fica na Esplanada dos Ministérios. O Ministro fala pouco com o operário. Ele não trabalha para o povo. O filho do Ministro caiu e quebrou o braço".

"Caiu e quebrou o braço" está aqui para disfarçar.

"O Ministro não trabalha para o povo..."

Como se intriga o Poder Judiciário com o povo! Então o Ministro não trabalha para o povo? E esta cartilha, Srs. Deputados, não foi feita por nenhuma organização particular, por nenhuma liga de camponeses. Foi feita pela Universidade de Brasília e até hoje não foi destruída. Foi apreendida por ordem do Reitor e está presa lá, esperando uma ordenzinha para ser distribuída.

O Sr. Osvaldo Lima Filho — Permite-me V. Exa.?

O SR. ABEL RAFAEL — Depois de terminar meu pensamento darei o aparte. Falta pouco. Apenas quero dar uma idéia para que todos percebam como é a cartilha.

Lição 30. Sindicato. Há um elogio. "O Sindicato é a força". Está certo. Não há nada de mais na lição. Mas a cartilha não é de politização.

"As terras do INIC". Há até a preocupação das terras. E termina a lição: "A terra é de quem trabalha". É preciso frisar a idéia de que a terra é de quem trabalha e o direito de propriedade é um roubo. É uma consequência que o professor vai depois explicar.

"A Vila Matias".

Depois que se fala no Ministro — vamos repisar a lição: falou-se no Deputado, no Ministro, no Senador. "São ricos, pagam pouco aluguel, moram em casas boas". Agora, voltam à casa do pobre.

"A chuva cai sem parar na Vila Matias. O povo mora em barracos de madeira. O barraco de madeira não tem água. Na Vila Matias tem fome, doença e miséria. Na Vila Matias não tem hospital, o operário da Vila Matias não pode estudar durante o dia porque eles lutam pela vida".

Voltou à lição para repisar.

Aqui na pág. 33 há até uma lição sobre a Rodoviária. Há lá uma linhazinha: Não vou ler tudo:

"O povo adota a política que deseja". A cartilha é de politização, não de alfabetização; é feita por revolucionários para incendiar o Brasil e, principalmente, Brasília, porque é preciso trazer gente aqui para fechar a boca dos Deputados é preciso fazer pressão no duro e só se pode fazer pressão depois de se politizar a população de Brasília.

"O Congresso Nacional" — esta parte é dedicada aos Srs. Deputados, a silhueta do Congresso está aqui — "o Congresso Nacional é a casa do povo. A Casa do povo é a Câmara e o Senado, os Deputados devem defender o povo. Quem é o Deputado do povo? Aqui no Senado isto é difícil.

Quando chega — olhem o português outra vez — os Deputados das férias, eles trabalham poucos meses por ano. Quem quer ver o Senador vai ao Senado".

Que pena, o povo está sendo enganado!

Srs. Deputados, e isso é pago com o dinheiro da Universidade de Brasília e se diz, com referência ao Congresso, que o povo está sendo enganado e o Sr. Ministro da Educação, o anterior, sabia da existência desta cartilha. Mandou-as recolher para distribuir na ocasião própria, mas o novo Ministro que é homem honrado, que não é comunista, que não concorda com isso, por que não manda fazer uma devassa? Foi preciso

que pedisse uma comissão parlamentar de inquérito com o apoio de muitos colegas. Não é um crime contra a Nação? Não é lançar o povo contra o Congresso? Então o povo está sendo enganado? Todos têm liberdade de opinar, quem quiser pode falar, mas com o dinheiro que votamos para a Universidade, uma facção partidária, dentro dela pode utilizar-se esse dinheiro para envenenar o povo contra nós, contra outra parte do povo?

Isso é possível? Só por covardia, omissão ou crime mesmo. O povo está sendo enganado.

"Os dias da semana são muito duros para o operário. Qual de vocês quer ir à casa do povo?"

Srs. Deputados, meditem.

Agora, uma fábula, para amenizar. É a Lição 35.

"A formiguinha e o burro"

"A formiguinha trabalha o ano todo. Certo dia, ela voltava para casa com uma carga de alimentos, e encontra no caminho um burro com uma pesada carga. O burro parou e perguntou a formiguinha: "Formiguinha, você agüenta essa carga tão grande?"

Respondeu a formiguinha: — "Agüento esta carga o ano todo, mas esta carga é para mim mesma. E você burro, para quem você carrega esta carga? Não é para seu patrão? Trabalhar não faz mal, o mau é ser burro..."

(Risos).

Esta é uma grande filosofia, formidável filosofia que se ensina num dos departamentos da Universidade de Brasília. Quando digo que estão acendendo uma fogueirinha debaixo de nós não me acreditam. Mas V. Exas. pensam que a revolução se fará de que forma? Não é pelo desencadear das idéias, não é insuflando essas idéias, não é envenenando? Disse o Padre Leo-

nel Franca e eu repito: "É mais perigoso agitar idéias do que mobilizar exércitos. É isto. Trabalhar não faz mal. Quem quiser que tire a sua conclusão. Depois tenho aqui:

O servidor. A lição é inocente. O lago de Brasília, as letras finais do alfabeto, depois no fim, há o mapa do Brasil e uma ligeira nota sobre Brasília. E termina assim:

"Já completamos 73 anos de Governo Republicano e tivemos mais de 20 Presidentes. Hoje, prezado aluno, o povo luta contra uma tutela mais forte, mais voraz, que está afogando o nosso querido Brasil. Com o tempo você irá compreender, mas antes, é necessário ler e estudar."

E a lição final é sobre o trabalho. Trabalho de ontem e de hoje. Até inverdades históricas existem aqui, porque atribuem aos sindicatos todas as conquistas sociais, quando sabemos que a partir da *Rerum Novarum* e depois no Tratado de Versailles de 1918, as conquistas do trabalho, Lei Hebdomadária, Trabalho da Gestante, Trabalho do Menor, Repouso Remunerado, Descanço Anual, foram regulamentados pelo tratado referido e adotadas pelas nações civilizadas. Mas aqui só se menciona é o sindicato. Foi o operário que lutou dentro dos sindicatos. Com o tempo, os trabalhadores se reuniram em grêmios, em associações, para defender seus direitos, transformar associações em sindicatos, porque, sindicalizados, os trabalhadores são mais fortes. O sindicato é agrupamento formado para defesa do interesse de uma classe. Portanto, é órgão de luta das classes por meios pacíficos. Não sou contra, mas estou lendo para chegar a uma conclusão. Nunca fui contra o sindicato. Ajudei a fundá-los. Entendo que ele é a defesa do trabalhador, como também é a defesa do patrão. O sindicato é um órgão legal e necessário. Sou pelo direito

corporativo e neste o sindicato é a figura principal.

"Dentro do movimento sindical os trabalhadores dispõem da greve que é um poder decisivo na luta pelas reivindicações. Os trabalhadores unidos aos sindicatos já conquistaram diversos direitos como: férias todos os anos...

— mas que mentira para ensinar às crianças!

"... aumentos salariais, direito legal de greve, o 13.º mês de salário, e brevemente os sindicatos irão dirigir as próprias empresas e nesse caso os trabalhadores serão os próprios patrões."

Outro dia, o nobre Deputado Temperani Pereira disse que o que eles querem agora é transição, porque visam coisa mais importante. Deve ser isso: o sindicato tomar conta do Estado. Respeito a ideologia, respeito a ditadura do proletariado. Não posso, porém, aceitar que, com o dinheiro da Universidade se faça isso que se pretende lançar junto ao povo para envenená-lo contra as instituições, porque o que aqui está é subversão, pinta-se um retrato errado, explora-se a miséria e subjetivamente, como espiritualista, trabalhando o espírito dos trabalhadores. Os marxistas, que não crêem no espírito, são mais astutos que os filhos da luz, como diz o Evangelho: "trabalha o espírito, a obra fica". As reivindicações econômicas e materiais passarão. O subdesenvolvimento pode desaparecer, mas o espírito permanecerá, formado que foi o início. Esta é a obra. Trouxe o original para que Vossas Excelências vejam. Consegui alguns exemplares, não posso dizer como, mas obtive outros que dei a diversos colegas, não pude conseguir maior número. Se V. Exas. quiserem, tentarei obter mais alguns exemplares. O Senado e a Câmara devem requisitá-los para que, então, oficialmente, tomem co-

nhocimento deste documento feito com o dinheiro da Universidade. Depois, devemos convocar o Senhor Ministro da Educação para que esclareça se tem conhecimento dessa irregularidade e que providências vai tomar a respeito. A Universidade de Brasília além de não ensinar português, conforme está provado, numa cartilha ainda envenena nossos filhos. Noventa por cento dos professores das Universidades são comunistas e só pregam o marxismo. O sistema é novo: dois anos de preparação, depois os anos do curso.

Srs. Deputados, há grandes nomes na Universidade de Brasília. Há, também, professores que só foram escolhidos porque são comunistas. Foram escolhidos na Bahia, em Pernambuco, em Minas Gerais e no Rio de Janeiro professores que se notabilizaram pela luta acadêmica em defesa do marxismo. Assim, as aulas são de marxismo puro. Os professores dão apenas o conceito espiritualista para que haja uma comparação. Há aulas maiores uma vez por semana, em que os titulares lecionam durante duas horas, antipedagógicamente, sem descanso. Não há perguntas. Juntam-se 300 alunos numa sala de aula e o professor sobe à cátedra, iluminada por uma luz forte e dá duas horas de aula. Depois vai embora, não há repito, perguntas. Durante a semana os professores menores, escolhidos a dedo, explicam a aula do professor maior, mas geralmente, não têm capacidade para explicar a lição do Professor, mas explicam marxismo. O Professor Nelson Werneck Sodré deu, há dias, uma aula de duas horas sobre o conceito materialista de História. Há poucos dias, foi feita, no segundo ano desse curso preparatório, uma prova de Direito Constitucional é dado no primeiro ano. Depois, nós o repisamos em várias matérias. Mas nunca estudamos direito Constitucional a não ser no curso de extensão e no curso de Doutorado. No entanto, na Faculdade de Direito

de Brasília, a primeira prova deste trimestre foi sobre o Direito Constitucional russo! Nós, que passamos cinco anos numa Universidade estudando Direito, tropeçamos na Constituição brasileira. Como pode um aluno sem preparação, no segundo ano, fazer prova sobre Direito Constitucional russo? Por que não ensinar a Constituição nacional que anda aí tão ferida?

Srs. Deputados, o problema do ensino em Brasília é gravíssimo. Estão V. Exas. percebendo a gravidade? A grande maioria desta Nação não está percebendo a gravidade, porque isto aqui é o fulcro do Brasil.

O Sr. Magalhães Melo — É o centro político da Nação.

O SR. ABEL RAFAEL — Daqui partirão todas as iniciativas. Aqui se formarão os homens de governo. Estão trazendo técnicos comunistas de toda parte para serem professores em Brasília e nas horas vagas doutrinar os arredores, para depois porem fogo nesta Casa. As pregações se sucedem. Vossas Excelências estão sobre um vulcão, como diz o nobre Deputado Tenório Cavalcanti, e se não tomarmos providências os nossos filhos ficarão com essa cultura parcial, defeituosa, e acabarão comunistas. Quem resiste a essa bateria de homens inteligentes, escolhidos a dedo, fazendo a sua pregação continuamente, quotidianamente, falseando a verdade, a fim de fabricarem os homens de amanhã, como eles dizem. A iniciativa da Universidade de Brasília é muito bela; é uma grande iniciativa e pode ser uma grande obra, mas não com esses professores.

O Sr. Tenório Cavalcanti — Vossa Excelência permite um aparte?

O SR. ABEL RAFAEL — V. Exa. terá o aparte, mas em primeiro lugar prometi ouvir o nobre Deputado Britto Velho, e também vários outros colegas estão esperando a sua vez, de modo que logo após ouvirei V. Exa.

O Sr. Britto Velho — Cedo a minha primazia, com muito prazer, ao nobre Deputado Tenório Cavalcanti.

O Sr. Tenório Cavalcanti — Nobre Deputado, estou ouvindo o discurso de V. Exa. com muita atenção. Mas, se V. Exa. me permitisse, tomaria a liberdade de dizer que na couraça de seus argumentos há um ponto vulnerável, que me parece, *data venia*, ser determinado pelo ilogismo da tese. O anarco-sindicalismo contra o socialismo estatizante a que se refere Vossa Excelência no que tange ao domínio sindical no Brasil, é incompatível com o comunismo. No setor sindical se V. Exa. acha que existe uma mentalidade evolutiva, de anarco-sindicalismo contra o socialismo estatizante, isto é, domínio do sindicato no setor social, isso é incompatível com o comunismo. Com relação à educação, no campo da ciência política, no curso superior — V. Exa. fez esse curso e há de convir comigo neste ponto — todo professor de Economia Política está livre de reticências na fronteira dos ensinamentos da sua matéria. E todos sustentam a tese de que a estrutura econômica é que condiciona a superestrutura social, ao passo que negam aquela do "penso, logo existo", que os cristãos defendem, porque apoiam a tese do "existo, logo penso". A existência social é que condiciona a existência do homem e a estrutura econômica, afastando o "penso, logo existo". Já existe, mas em Economia Política não. Entretanto, não significa comunismo. Conheço sociólogos iluminados pela luz da isenção, os quais afirmam que não é o modo de pensar que determina a produção, e sim a produção que determina o modo de pensar. É tese que, nós que estudamos Direito...

O SR. ABEL RAFAEL — Não é minha tese no momento. A minha é a de educação em geral. Mas, se me permite, invocarei aquela outra, de Santo Ignácio de Loyola,

do "tantum quantum" a que os filósofos se referem.

Também sou professor catedrático de Economia, peço licença para dizê-lo. Não se pode dar essa preeminência à infra-estrutura econômica. Como diz o Padre João Botelho, de Belo Horizonte...

O SR. PRESIDENTE (Clóvis Motta) — Nobre Deputado Abel Rafael, V. Exa. já ultrapassou em muito o seu tempo. Acredito que não tenha sido advertido, o que faço neste momento.

O SR. ABEL RAFAEL — Obedeceria V. Exa., Sr. Presidente. Vou terminar.

O Sr. Tenório Cavalcanti — Vou só concluir o aparte Sei que Vossa Excelência é professor, um dos maiores analistas...

O SR. ABEL RAFAEL — Nem tanto.

O Sr. Tenório Cavalcanti — ... homem de grande saber e por isso é que digo sempre: só há grandes vales onde há grandes montes; só profundezas de humildade onde há grandes montes de sabedoria. Quero mostrar que o vale também valoriza o monte. O vale da minha miopia, em matéria de Direito, mormente de economia política, pode valorizar, *modus in rebus*, a montanha do conhecimento que V. Exa. tem.

O SR. ABEL RAFAEL — Não me faça a injustiça de dizer que sou presumido.

O Sr. Tenório Cavalcanti — Mas permita V. Exa. possamos discutir, concordar ou discordar um do outro, dentro dos princípios gerais do mútuo respeito.

O SR. ABEL RAFAEL — Vossa Excelência tem o direito de fazê-lo.

O Sr. Tenório Cavalcanti — Esta é uma questão ideológica. O de que se cuida no momento é situar, no setor econômico, a causa do empobrecimento das massas; e, então, no descobrimento dessas causas,

convocamos V. Exa. para perquirir, investigar e, conosco, chegar ao altar da salvação do povo brasileiro.

O SR. ABEL RAFAEL — Respondendo ao aparte de V. Exa. direi que há muito estou nesta luta. Tenho lutado em várias frentes. Jamais pequi por omissão de lutar nas várias frentes em que tive oportunidade. Mas queria dizer a V. Exa., com referência à economia, como diz bem o Padre Botelho, de Belo Horizonte: se me puserem aqui dez homens bem vestidos, dez filhinhos de papai, que estudam na Universidade à custa de mesada larga, e, de outro lado, dez favelados da pior espécie, nós veremos que a porcentagem de comunistas é maior entre os estudantes do que entre os favelados. Não é a miséria que fabrica comunistas. É a distorção do espírito, é a confusão dos espíritos. De forma que isso de se pregar que a infra-estrutura econômica é que fabrica comunistas...

O SR. PRESIDENTE (Clóvis Motta) — Solicito ao nobre orador que termine sua oração, pois há ainda três oradores inscritos e há matéria em regime de urgência.

O SR. ABEL RAFAEL — Estou apenas terminando meu pensamento. Sr. Presidente.

O Sr. Magalhães Melo — V. Exa. me permite um aparte?

O SR. ABEL RAFAEL — Já não posso mais permitir apartes, porque o Sr. Presidente avisou que há outros oradores depois de mim. Gosto de respeitar os direitos dos outros Deputados e fico indignado quando quero falar e os preferenciais estão aqui na tribuna. Como há outros oradores depois de mim...

O Sr. Magalhães Melo — Insisto no aparte. Senhor Presidente. Vossa Excelência há de convir em que a denúncia é grave, gravíssima. A Câmara não pode ouvir calada e deixar de exigir a presença do Ministro da Educação.

O SR. PRESIDENTE (Clóvis Motta) — V. Exa. não pode dar apartes sem licença do orador. Faça V. Exa. um requerimento de convocação do Sr. Ministro e, na oportunidade de sua discussão, inscreva-se para falar.

O SR. ABEL RAFAEL — Fico agradecido ao nobre colega e lamento que a intransigência da Mesa, que é regulada pelo Regimento, não me permita ouvir os vários apartes que se anunciam.

Verdadeiramente, nós no Brasil estamos numa miséria tremenda, mas estamos muito mais numa subversão dos valores do espírito, operada justamente pelos homens que têm posição e pelos homens do Governo. Quem faz as greves são os homens do Governo; quem prega essa subversão são os homens do Governo, é um ex-Ministro da Educação, é o Rector. Os responsáveis são os homens do Governo, não são os particulares. A revolução vem de cima. Quando se fazem greves, são os ônibus e os veículos da NOVACAP que transportam os batedores de palmas. São os próprios funcionários do Governo que pregam a subversão. E aí está a Cartilha. Os Senhores Deputados poderão ver aí os seus retratos, os Ministros poderão ver aí os seus retratos e devem então tomar as providências, porque não sou o único alvejado. Estou levantando uma bandeira. No princípio os colegas riram. Quem está rindo agora, diante de um fato palpável, de um fato real? Trouxe o documento original e quem não estiver satisfeito com isso vá buscar os outros milhares de exemplares na Universidade de Brasília. (Muito bem; muito bem. Palmas.)

Durante o discurso do Sr. Abel Rafael, o Sr. Aniz Brada, 3.º Secretário deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Senhor Clóvis Motta, Primeiro Vice-Presidente.

O SR. PRESIDENTE — Tem a palavra o Sr. Octávio Brisola.

O SR. OCTÁVIO BRISOLA — Sr. Presidente, antes de iniciar o meu discurso, desejo saber o tempo de que disponho para falar.

O SR. PRESIDENTE (Clóvis Motta) — V. Exa. dispõe, exatamente, do restante do tempo destinado ao Grande Expediente dividido por três, visto que, além de V. Exa., há dois outros oradores inscritos.

O SR. OCTÁVIO BRISOLA — Mas, Senhor Presidente, não é o que tem acontecido nas outras sessões.

O SR. PRESIDENTE (Clóvis Motta) — É o que tem ocorrido.

O SR. OCTÁVIO BRISOLA — Tenho verificado, Sr. Presidente, que Deputados têm ocupado a tribuna no Grande Expediente e o têm feito de forma a desenvolver os seus pontos de vista, as suas idéias. Venho falar — e estou inscrito pela primeira vez — sobre um problema importantíssimo, um problema de interesses nacional, um problema de grande repercussão para o país. Por isso peço a tolerância de V. Exa. para que um Deputado modesto, um pequeno Deputado (não apoiado), tenha o direito de defender idéias perante a mais alta tribuna democrática da Nação. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Clóvis Motta) — V. Exa., nobre Deputado, tem direito ao mesmo tempo que qualquer outro. V. Exa. está falando no Grande Expediente para uma comemoração. Não há tempo marcado. O que a Mesa, normalmente, tem adotado é dividir o tempo do Grande Expediente destinado às comemorações pelo número de oradores inscritos. Nada tem a ver com a Mesa que um outro orador tenha, insistentemente, ultrapassado o seu tempo e o tempo destinado a V. Exa. e aos demais oradores inscritos.

O Sr. Último de Carvalho — Peço a palavra pela ordem, com licença do orador.

Senhor Presidente, dada a declaração do orador de que tem assunto grave a tratar, queríamos que V. Exa. se dignasse convocar uma sessão para a noite, a fim de ser ouvido o orador e outros Senhores Deputados com assuntos importantes para discutir. (Muito bem. Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Clóvis Motta) — A Mesa, na conformidade da praxe que tem sido seguida, irá pôr em votação, na oportunidade, o requerimento do Deputado Último de Carvalho.

O SR. OCTÁVIO BRISOLA — Senhor Presidente, requeiro, assim, inscrição para a sessão noturna.

O SR. PRESIDENTE (Clóvis Motta) — Fica devidamente constante da Ordem do Dia o requerimento, para votação oportuna.

O SR. OCTÁVIO BRISOLA — Não poderel falar agora?

O SR. PRESIDENTE (Clóvis Motta) — V. Exa. só dispõe agora praticamente de 5 minutos, preterindo os demais oradores.

O SR. OCTÁVIO BRISOLA — Requeiro, então, a prorrogação do meu tempo por 15 minutos.

O SR. PRESIDENTE (Clóvis Motta) — Independe de consulta à Casa, pôsto que há matéria em regime de urgência.

O SR. SÉRGIO MAGALHAES — Sr. Presidente, peço a palavra, pela ordem.

O SR. PRESIDENTE — Tem a palavra o nobre Deputado.

O SR. SÉRGIO MAGALHAES — Senhor Presidente, estou verificando que se pretende convocar uma sessão noturna para dar a palavra aos oradores que estariam inscritos no Grande Expediente. Desejava esclarecer que, pelo Regimento, as sessões extraordinárias são convocadas unicamente para tratar da matéria da Ordem do Dia. Não pretendo que os colegas

* Não foi revisto pelo orador.